

A reacção que se rendeu anteontem ainda não está vencida!

A sua frente de batalha foi novamente transferida para os Bancos, para as grandes empresas comerciais e para as indústrias exploradoras. Foi desalojada das trincheiras do Parque Eduardo VII, mas mantém-se ainda emboscada a traz do balcão onde negoceia a pele do Povo e onde realiza operações desastrosas para o país.

O governo, favorecido pelo ambiente popular, subjugou os revoltosos que ameaçavam a Liberdade de armas na mão. Mas não os combateu ainda noutro campo onde são tão perigosos como na Rotunda — não os bateu no campo económico. Os homens da República devem ter compreendido que não podem continuar a transigir com a quadrilha de assambarcadores e ladrões que se entrincheirou na União dos Interesses Económicos. A dura lição destes últimos acontecimentos deve aproveitar aos que se dizem republicanos. E' preciso, para vencer de facto, cortar as garras aduncas com que os exploradores veem impunemente martirizando o Povo.

Consumidores, povo trabalhador, liberais: a batalha não terminou. Pelas armas foi a reacção derrotada mas não o foi nos redutos da exploração, onde o pendão do roubo e do crime ainda se encontra hasteado!

PALAVRAS CLARAS

Nenhuma dúvida há de que o movimento revolucionário que perturbou nos últimos dias a vida do país e que leva a reprovação da sua população trabalhadora, nenhuma simpatia pode inspirar a quem tem aspirações progressivas e um desejo de se libertar da exploração que pesa sobre os trabalhadores e sobre os consumidores, e que se deve às classes parasitárias que pretendiam agora tomar conta do poder. Mas por mais que antipafissemos com o movimento revolucionário dos conservadores, não podemos deixar de reconhecer que uma grande cota de responsabilidade desse movimento se deve a uma parte dos políticos republicanos.

Se foi possível os conservadores tomarem a Rotunda, tendo previamente aliciado tropas, é porque os governos da República lhes preparam a atrofia própria para o poderem fazer. Em vez de mostrarem uma natural inclinação pelo povo, acompanhando-o e apoiando-o nas suas justas reclamações, a maioria dos políticos republicanos têm transigido com a direita.

Quando um governo pretendeu colocar-se ao lado do povo, logo por parte da maioria parlamentar se formou a oposição que o havia de deixar a terra. E desde então, a política republicana tem sido de hesitações, incaracterística, sem se defini-

nir perante as grandes reclamações de actualidade.

Marca-se em tóda a parte uma acentuada tendência para a esquerda. Aqui é o que se está a ver: há um partido democrático, que é a maior força organizada da República, que ainda nem sequer sabe se é um partido da esquerda ou da direita e que no congresso que ia realizar não sabia bem ao certo a atitude que devia tomar, havendo quem defendesse a da neutralidade, como se isso fosse possível em face da situação actual.

Tudo isto é que preparou a atmosfera aos conservadores. Estas indecisões, estas transições com a direita, deram-lhes a impressão de fraqueza, de impotência e animaram-nos a lançar-se num movimento armado. Se a República marchasse num outro caminho, se se inclinasse abertamente para as classes populares, se tratasse a sério da sua instrução, da sua higiene, evitasse a exploração do comerciante e do industrial, e não andasse de mãos dadas com essa gente, nunca seria possível a preparação do golpe de Estado que se tentou.

Que os republicanos reflitam um pouco nestes factos, se acaso são susceptíveis de se arrependerem e de se resolverem a mudar de atitude.

qualquer agrupamento da política esquerda?

— Não senhor. A C. G. T. tem a sua organização própria e conta com a sua força. De resto, essa força demonstrou-se na forma como acabamos de agir, e a que a grande população de Lisboa deu o seu maior aplauso, distinguindo ontem *A Batalha* com uma procissão que exibiu sucessivas edificações, indo além da melhor expectativa.

Foi, ainda, devido a essa força que rapidamente actuámos, estabelecendo o ambiente contra os revolucionários — esse ambiente que foi, talvez, a melhor arma fornecida ao governo para jugular o movimento.

— Que pensa a C. G. T. fazer na actual conjuntura?

— Independente de todos os agrupamentos políticos e atento ao que se passa nos arraiais conservadores, para actuar no momento oportuno.

— Actuar como...

— Isto é com o Conselho Confederal, e obedece a uma tática que, por enquanto, não é de interesse público.

— Bom será, porém, que os governos, no seu próprio interesse, não durmam e pensem, ao vivo, nas classes trabalhadoras, tendendo na ordem os autores de tóda a qualidade de abusos que são o pior fermento para o estado de revolta.

— Os trabalhadores nada querem, nada esperam dos políticos. Mas que estes acontecimentos, ao menos, sirvam para mostrar ao governo os seus verdadeiros e mais perigosos inimigos.

— Um gesto vitorioso por civis

Na madrugada de sábado para domingo apareceu na Avenida da Liberdade, próximo da Rotunda, um grupo de civis compostos por elementos avançados e alguns republicanos. Os revoltosos destacaram logo a cavalaria que possuíam para os desalojar violentamente. Enganaram-se, porém, os revoltosos com o resultado da sua ideia: a cavalaria apareceu na Rotunda disposta a carregar impetuosamente os que não receavam nem as espingardas, nem os canhões dos homens da "ordem" reactionária.

— A Confederação Geral do Trabalho, absolutamente afastada de combinações políticas que não estão nos seus princípios, e nos seus intérinos, tomou, efectivamente, uma deliberação franca e intransigente, contra o movimento revolucionário, não só porque ele se apresentava com todos os sinais dumha política reactionária, que sempre combatemos, como porque as suas consequências de ordem económica deveriam ser as piores para os trabalhadores, dadas as suas relações com as "forças vivas".

— Pensa a C. G. T. em entender-se com

DEPOIS DA VITÓRIA



— Então, Manuel, as "forças vivas" foram derrotadas na Rotunda.

— Sim, mas continuam vencedoras por esse país, gozando bons automóveis e fumando excelentes charutos...

A Confederação Geral do Trabalho

Alheada de acordos ou combinações políticas, procura defender a causa dos trabalhadores

O *Diário da Tarde*, que ontem se publicou, sob a direcção do sr. Vítor Faílão e que tem agora, como secretário de redacção, o nosso camarada Júlio Quintinha, inquiriu uma entrevista que, por ser de interesse operário, nos permitimos transcrever:

— Como é do conhecimento público, na repressão dos acontecimentos revolucionários, que acabámos de presenciar, a Confederação Geral do Trabalho marcou um papel de assinalada importância, não só por ser o organismo representativo da maior força organizada, como pela sua decisão formal contanto ao movimento, e ainda pela seriedade e sensatez de que todos os trabalhadores deram alta prova.

Desde que procurámos ouvir representantes de diversas correntes de opinião, estava naturalmente indicado que registasse a opinião da C. G. T., escutando-a, quando éramos, de modo a tal movimento, e ainda pela seriedade e sensatez de que todos os trabalhadores deram alta prova.

— Fazemos este reparo sobre o medo dos ditadores, sem nenhum cruel propósito. Queremos apenas acentuar que o movimento tivesse vingado a que as perseguições violentas, a que ultrajes sangrentos não ficaram confinados todos os que não são pelos reactionários. O medo que não chegar a aparecer mas que existiria escondido em todos eles; expandir-se-ia nas mais odiosas e sangrentas brutalidades. E os jorais de grande circulação não se cansariam de chamar heróis aos que se encarniçariam cruelmente sobre os vencidos — aqueles vencidos que eles tanto temiam... e temem.

— Convém também acentuar que o povo não aproveitou o ambiente revolucionário para assaltar, destruir ou exercer represálias, como os reactionários afirmam constituir seu hábito.

— Na Penitenciária

Na Penitenciária encontram-se, sob prisão, vários oficiais que tomaram parte na sedição militar, entre eles, quase todos os oficiais do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, do grupo de metralhadoras, da artilharia de Queluz e o oficial de cavalaria alferes António Eça de Queiroz

O medo dos ditadores...

Os chefes da revolução tinham um medo pavoroso dos civis, receavam medonhamente uma chacina. Medo pavoroso mas sem razão afirmou-o o insuspeito sr. Adriano de Sá. Daí a sua fuga desesperada do acampamento e o terem-se refugiado na legação de Espanha, abandonando à sua sorte os pobres soldados que eles, por meio de ludibrios e da férrea disciplina militar, tinham arrastado para uma aventura — para a morte.

— Fazemos este reparo sobre o medo dos ditadores, sem nenhum cruel propósito. Queremos apenas acentuar que o movimento tivesse vingado a que as perseguições violentas, a que ultrajes sangrentos não ficaram confinados todos os que não são pelos reactionários. O medo que não chegar a aparecer mas que existiria escondido em todos eles; expandir-se-ia nas mais odiosas e sangrentas brutalidades. E os jorais de grande circulação não se cansariam de chamar heróis aos que se encarniçariam cruelmente sobre os vencidos — aqueles vencidos que eles tanto temiam... e temem.

— Convém também acentuar que o povo não aproveitou o ambiente revolucionário para assaltar, destruir ou exercer represálias, como os reactionários afirmam constituir seu hábito.

— Na Penitenciária

Na Penitenciária encontram-se, sob prisão, vários oficiais que tomaram parte na sedição militar, entre eles, quase todos os oficiais do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, do grupo de metralhadoras, da artilharia de Queluz e o oficial de cavalaria alferes António Eça de Queiroz

Os revoltosos contaram ver-se livres dos marinheiros que são inimigos fígados dos reactionários, devendo quase todos os navios de guerra estarem afastados da metrópole, andando, como se sabe, realizando o perigo de África.

— Mas, não partiram todos... E dos que ficaram, a maioria bateu-se com o seu conhecido denodo. A meia da rua do Salitre, na madrugada de domingo 15, marinheiros comandados por um aspirante atacou, com energia, os revoltosos. Um dos marinheiros

DEPOIS DOS CANHÕES EMUDECEREM

O significado da derrota

— O povo já não acredita que a sua salvação esteja no chicote dum amo

Eu não sei combater um vencido, minha pena nega-se a transformar-se em breve em vitória de Samotriaca...

Ante um homem em cuja frente a derrota gravou seus signos, eu só posso tomar uma atitude de silêncio e de olvido.

Eu tenho pelo meu adversário derrotado, um sentimento romântico — e isto porque não comprehendo uma luta com sombras, com espectros. Mas há verdades que só as derrotas revelam aos espíritos obstinados.

Eu não sei também defender a liberdade concedida pelas instituições até hoje praticadas e por muitas outras que até agora estavam apenas em estatuto... Eu só acredito e defendo uma liberdade ilimitada, suprema, absoluta. Uma liberdade que não tenha códigos, não tenha restrições e não esteja à mercê da vontade dum homem ou dos regulamentos dumha instituição. Eu faço uma ideia mui elevada da Liberdade, para afrontá-la, concebendo que se lhe possa levantar qualquer muralha.

Eu faço um sentimento jubiloso ao saber que havia triunfado, sob o sol matutino do domingo primaveril, essa liberdade algemada, essa máscara da liberdade que os detentores do poder, num gesto de senhorios onipotentes, nos permitem usar.

— Eles queriam libertar a Liberdade das algemas que lhe colocaram os seus adversários. Eles queriam suprimi-la totalmente, completamente.

Eles queriam que o país recuasse, que as ideias novas se encarcerassem — queriam que no peito de cada homem se adenessem lampadas votivas à opressão. Queriam ampliar e intensificar a obra de seus próprios adversários, já por si constituem elementos de escravidão em que vive o povo e do poder da Finança.

— Eles sentem isso e procuram resistir — espalhando argumentos tendentes a justificar essa vã esperança de salvamento, que seria a opressão. Mas o povo comprehende o sofrimento e não se deixa já optimizar.

— A derrota destes legionários da Tirania, constitui um exemplo, uma bela lição — não pelo triunfo do governo mas pelo alvoroço da alma popular.

— Eles poderiam mesmo vencer — mas seria

teve de desistir por ter sido atingido, no sobrolho esquerdo, por um estilhaço de granada.

Os tiros disparados fôram em grande número. Os prédios 117 e 119 da rua do Salitre ficaram crivados de balas. O combate só terminou pelas 10 horas da manhã, quando os marinheiros fôram avisados da rendição dos revoltosos.

— O governo conheceu antecipadamente a tentativa militar conservadora

O governo vinha de há muito recebendo informações de que se preparava um movimento militar destinado a apoiar as pretensões das "forças vivas" e a estabelecer uma ditadura bárbara e cruel. Essas informações eram, contudo vagas e imprecisas segundo afirma o chefe do governo. Não eram porém tão vagas e imprecisas como afirma, pois tinha conhecimento das pessoas que compunham o "comitê" revolucionário. Fôr-lhe, porém, assegurado que o movimento eclodiria no dia 25. Mais tarde recebeu a informação de que esta data fôr antecipada. A 11 horas de sexta-feira o governo foi prevenido de que o movimento rebentava na madrugada. Essa informação tornou possível a presença do ministro no quartel do Carmo um pouco antes da insurreição ter rebentado.

— A atitude do chefe de Estado assimilá-lo-nos quando surgiu na rua o primeiro número de *A Batalha* que noticiava o falso golpe de mão dos reactionários. Esta agora por menorizá-la:

— O sr. Teixeira Gomes quando compareceu no quartel do Carmo — uma hora depois de ter estalado o golpe militar — já com a disposição que manifestou de correr a sorte do governo, ficando com ele, no quartel do Carmo, até a insurreição ser debelada ou sair vitoriosa. Depois de muito instado que resolveu abandonar aquele quartel.

Deu-se, porém, antes da sua retirada, uma cena curiosa. O general Sinel de Cordes, um dos oficiais superiores que tomaram parte na reacionária conjura, foi ao quartel

OS MARINHEIROS

Os revoltosos contaram ver-se livres dos marinheiros que são inimigos fígados dos reactionários, devendo quase todos os navios de guerra estarem afastados da metrópole, andando, como se sabe, realizando o perigo de África.

— Mas, não partiram todos... E dos que ficaram, a maioria bateu-se com o seu conhecido denodo. A meia da rua do Salitre, na madrugada de domingo 15, marinheiros comandados por um aspirante atacou, com energia, os revoltosos. Um dos marinheiros

Lede o Suplemento de "A Batalha"

COMO SE CONSEGUE CELEBRIDADE...

A verdade ácerea da prisão de Cunha Leal

"A Batalha" entrevista um secretário do presidente do ministério que o capturou

O Café Itália oferecia ontem à tarde o aspecto dum grande cenáculo. Anarquistas, cegistas, partidários da I. S. V., comunistas e republicanos esquerdistas, discutiam animadamente os últimos acontecimentos.

Entre os circunstâncias depara-se-nos o sr. Adalberto Claro Chaves, secretário do presidente do ministério e um dos captores de Cunha Leal.

Momento excelente para restabelecer a verdade sobre a prisão do defensor da pena de morte, da qual o *Diário de Lisboa* se fez eco em termos menos verdadeiros.

Declinada a nossa identidade, arriscamos a seguinte pergunta:

— Pode informar *A Batalha* da verdade sobre a prisão do sr. Cunha Leal?

— Só em entrevista poderei restabelecer a verdade—diz-nos o sr. Chaves.

— Perfeitamente, em entrevista — dissemos.

O sr. Chaves narra da forma que segue como foi preso o valente do 19 de Outubro.

O sr. governador civil, quando foi informado do movimento ordenou, pelo telefone, do próprio quartel do Carmo, para a 17.ª esquadra, que fossem destacados os guardas em número suficiente para prender o sr. Cunha Leal.

— Foram cumpridas essas ordens?

— Não! Julguei que podia prestar um serviço oferecendo o meu préstimo.

— Declarrei que me dispunha a desempenhar essa missão. Convidei então o tenente sr. Godinho Cabral, a acompanhar-me.

Uma pausa contou a interessante exposição do nosso entrevistado. Depois, diz:

— Por um jornalista do *Diário do Povo*, o sr. Vergílio Marques, fôr garantido que Cunha Leal, às 8 horas da manhã, tinha estado no acampamento dos revoltos acompanhado do sr. Alvaro Machado, chefe de repartição do ministério do Comércio.

— E a que horas se realizou a prisão?

— Deixe-me contar-lhes os seus primeiros, para verificar a parcialidade do *Diário de Lisboa*, responde-nos o nosso interlocutor.

— E o senhor Godinho Cabral, apenas dirigiu-nos para a avenida da República em automóvel. Eram 9.30 minutos quando chegamos à residência de Cunha Leal.

— Inquirimos do porteiro se estava quem procurávamos e a resposta não nos satisfez. Decidimo-nos a esperar.

Passados alguns minutos dois vultos saem de escada Iviagida e dirigem-se para uns terrenos anexos à companhia dos eléctricos entre o Arco do Cego e Campo Pequeno.

— Mandei o chauffeur largar a tóda a velocidade para os alcançar.

— E evadiram-se? — fizemos.

— Não era possível! Estava ali disposto a trazer Cunha Leal morto ou vivo. Garanti que o prenderia, e prendi!

— Só se as seixas balas da minha pistola me atraçasse!

— Mas reatemos, diz-nos o sr. Chaves.

— Corremos em perseguição do sr. Cunha Leal, e já nos referidos terrenos travou-se entre nós e aquele o seguinte diálogo:

— Senhor capitão, faz-nos um favor!

— Que pretendem de mim?

— Vimos em nome do governo convidá-lo a acompanhar-nos ao quartel do Carmo.

— Eu sou capitão do exército — concluiu o sr. Cunha Leal.

Então o meu colega invocou a sua qualidade de tenente e aquele senhor acedeu ao nosso convite.

— Mas onde está o acto de valentia do autor da pena de morte? — inquirimos.

— E' para que o meu amigo veja como o *Diário de Lisboa* faltou à verdade.

— E a viagem como se fez?

— Quando estávamos já no carro, o sr. Cunha Leal quis, entregar-me a sua pistola.

— Respondeu-lhe que guardasse a arma, porque eu também tinha uma igual.

— Avançámos sobre o quartel do Carmo sem novidade; o nosso preso sentado ao lado do sr. Godinho Cabral e eu à frente.

— Mas houve algum incidente à entrada do quartel do Carmo? — perguntámos.

— Sem importância de registo.

— Apesar o *Diário de Lisboa* deu vulto para exaltar a valentia de Cunha Leal.

— Mas eu vou explicar-lhe o que houve:

— Quando chegámos ao Carmo, a sentinela precipitou-se e não consentiu que nós entrássemos. Procurava obedecer apenas às ordens que tinha.

— Foi neste momento que Cunha Leal disse:

— Nesses casos vou-me embora, porque não estou aqui de vontade.

— Mas ofereceu resistência? — dissemos.

— Não, apenas um simples episódio da sua prisão que terminou com a nossa entrada no Carmo, depois de esclarecido o caso.

E o nosso entrevistado com um aperço de mafre refere-se ainda à sua disposição em prender Cunha Leal, apesar de toda a valentia.

"Para suprimir a guerra criminosa"

Os grupos parlamentares constituídos em Paris, sob a denominação "Para suprimir a guerra criminosa" contam hoje nada menos de dois milhões de membros, sob o patrocínio de 340 ministros, deputados e senadores franceses e comportam 110 federações e associações.

O objectivo fundamental de esta organização — aparte qualquer espírito político — é criar em tódas as nações comités de ação para abolir as guerras e ajudar o aperfeiçoamento jurídico da Sociedade das Nações.

Foi do Carmo convidar o governo a render-se e anunciar-lhe que era o ministro da guerra do ministério que ia sair da tentativa revolucionária. Isto foi dito ao presidente da República que lhe respondeu que tendo sido eleito pelo Congresso da República só do mesmo Congresso recebia indicações para a demissão ou constituição dos governos.

O sr. Sinel de Cordes dirigiu-se depois ao governo recebendo a resposta que já é do domínio público.

O presidente do governo saiu da revolução militar conservadora era o sr. Filomeno da Câmara que está agora, sob prisão, a bordo dum navio de guerra.

As vítimas dos acontecimentos revolucionários

Os feridos em estado satisfatório, à exceção de quatro cujo estado é grave

Dos hospitais civis foi-nos fornecida a nota que segue, relativamente ao estado dos feridos:

Os feridos internados nos hospitais civis são em número de 39, sendo 28 no hospital de São José e 11 no de Santa Marta.

Encontram-se em estado satisfatório, à exceção de Emilia da Piedad Gonçalves, de 19 anos, bordadora, rua Latino Coelho, 38, 4.º.

Jorge Feliciano Alfaia de Gouveia, 38 anos, pintor, travessa das Parreiras, 1, r/c; Augusto Silvério, 67 anos, vendilhão, 11, loja; Joaquim Domingues, de 23 anos, polícia 361,

Castanheira de Pera, largo de S. Miguel, 12, 1.º, que se acham em estado grave, na enfermaria provisória do hospital de São José.

No hospital de Santa Marta, também deram entrada e recolheram à enfermaria C 1 A B, mais os seguintes feridos no Parque Eduardo VII: João da Silva, 20 anos, soldado 178 do Grupo de Metralhadoras Quartel em Campolide; Francisco Inácio, soldado 69 da 2.ª bateria de metralhadoras de Campolide; Manuel Alexandre, de 21 anos, soldado da 3.ª bateria do 1.º grupo de metralhadoras, Campolide; Abel Pereira, servente, rua dos Corvos, 4.º O tenente coronel Malheiro foi ontem transferido da enfermaria de São Francisco para os quartos particulares.

— Da enfermaria provisória saiu ontem com alta o polícia 838 Alfredo Diogo Amorim, que no dia 18 último foi atingido por estilhaços de bomba na rua dos Bacalhoeiros.

— Perfeitamente, em entrevista — dissemos.

O sr. Chaves narra da forma que segue como foi preso o valente do 19 de Outubro.

O sr. governador civil, quando foi informado do movimento ordenou, pelo telefone, do próprio quartel do Carmo, para a 17.ª esquadra, que fossem destacados os guardas em número suficiente para prender o sr. Cunha Leal.

— Foram cumpridas essas ordens?

— Não! Julguei que podia prestar um serviço oferecendo o meu préstimo.

— Declarrei que me dispunha a desempenhar essa missão. Convidei então o tenente sr. Godinho Cabral, a acompanhar-me.

Uma pausa contou a interessante exposição do nosso entrevistado. Depois, diz:

— Por um jornalista do *Diário do Povo*, o sr. Vergílio Marques, fôr garantido que Cunha Leal, às 8 horas da manhã, tinha estado no acampamento dos revoltos acompanhado do sr. Alvaro Machado, chefe de repartição do ministério do Comércio.

— E a que horas se realizou a prisão?

— Inquirimos.

— Deixe-me contar-lhes os seus primeiros,

para verificar a parcialidade do *Diário de Lisboa*, responde-nos o nosso interlocutor.

— E o senhor Godinho Cabral, apenas dirigiu-nos para a avenida da República em automóvel. Eram 9.30 minutos quando chegamos à residência de Cunha Leal.

— Inquirimos do porteiro se estava quem procurávamos e a resposta não nos satisfez.

Decidimo-nos a esperar.

Passados alguns minutos dois vultos

saiem de escada Iviagida e dirigem-se para uns terrenos anexos à companhia dos eléctricos entre o Arco do Cego e Campo Pequeno.

— Mandei o chauffeur largar a tóda a

velocidade para os alcançar.

— E evadiram-se? — fizemos.

— Não era possível! Estava ali disposto a trazer Cunha Leal morto ou vivo. Garanti que o prenderia, e prendi!

— Só se as seixas balas da minha pistola me atraçasse!

— Mas reatemos, diz-nos o sr. Chaves.

— Corremos em perseguição do sr. Cunha Leal, e já nos referidos terrenos travou-se entre nós e aquele o seguinte diálogo:

— Senhor capitão, faz-nos um favor!

— Que pretendem de mim?

— Vimos em nome do governo convidá-lo a acompanhar-nos ao quartel do Carmo.

— Eu sou capitão do exército — concluiu o sr. Cunha Leal.

Então o meu colega invocou a sua qualidade de tenente e aquele senhor acedeu ao nosso convite.

— Mas onde está o acto de valentia do autor da pena de morte? — inquirimos.

— E' para que o meu amigo veja como o *Diário de Lisboa* faltou à verdade.

— E a viagem como se fez?

— Quando estávamos já no carro, o sr. Cunha Leal quis, entregar-me a sua pistola.

— Respondeu-lhe que guardasse a arma,

porque eu também tinha uma igual.

— Avançámos sobre o quartel do Carmo sem novidade; o nosso preso sentado ao lado do sr. Godinho Cabral e eu à frente.

— Mas houve algum incidente à entrada do quartel do Carmo? — perguntámos.

— Sem importância de registo.

— Apesar o *Diário de Lisboa* deu vulto

para exaltar a valentia de Cunha Leal.

— Mas eu vou explicar-lhe o que houve:

— Quando chegámos ao Carmo, a sentinela precipitou-se e não consentiu que nós entrássemos. Procurava obedecer apenas às ordens que tinha.

— Foi neste momento que Cunha Leal disse:

— Nesses casos vou-me embora, porque não estou aqui de vontade.

— Mas ofereceu resistência? — dissemos.

— Não, apenas um simples episódio da sua prisão que terminou com a nossa entrada no Carmo, depois de esclarecido o caso.

E o nosso entrevistado com um aperço de mafre refere-se ainda à sua disposição em prender Cunha Leal, apesar de toda a valentia.

— Respondeu-lhe que guardasse a arma,

porque eu também tinha uma igual.

— Avançámos sobre o quartel do Carmo sem novidade; o nosso preso sentado ao lado do sr. Godinho Cabral e eu à frente.

— Mas houve algum incidente à entrada do quartel do Carmo? — perguntámos.

— Sem importância de registo.

— Apesar o *Diário de Lisboa* deu vulto

para exaltar a valentia de Cunha Leal.

— Mas eu vou explicar-lhe o que houve:

— Quando chegámos ao Carmo, a sentinela precipitou-se e não consentiu que nós entrássemos. Procurava obedecer apenas às ordens que tinha.

— Foi neste momento que Cunha Leal disse:

— Nesses casos vou-me embora, porque não estou aqui de vontade.

— Mas ofereceu resistência? — dissemos.

— Não, apenas um simples episódio da sua prisão que terminou com a nossa entrada no Carmo, depois de esclarecido o caso.

E o nosso entrevistado com um aperço de mafre refere-se ainda à sua disposição em prender Cunha Leal, apesar de toda a valentia.

— Respondeu-lhe que guardasse a arma,

porque eu também tinha uma igual.

— Avançámos sobre o quartel do Carmo sem novidade; o nosso preso sentado ao lado do sr. Godinho Cabral e eu à frente.

— Mas houve algum incidente à entrada do quartel do Carmo? — perguntámos.

— Sem importância de registo.

— Apesar o *Diário de Lisboa* deu vulto

para exaltar a valentia de Cunha Leal.

— Mas eu vou explicar-lhe o que houve:

— Quando chegámos ao Carmo, a sentinela precipitou-se e não consentiu que nós entrássemos. Procurava obedecer apenas às ordens que tinha.

— Foi neste momento que Cunha Leal disse:

— Nesses casos vou-me embora, porque não estou aqui de vontade.

— Mas ofereceu resistência? — dissemos.

— Não, apenas um simples episódio da sua prisão que terminou com a nossa entrada no Carmo, depois de esclarecido o caso.

E o nosso entrevistado com um aperço de mafre refere-se ainda à sua disposição em prender Cunha Leal, apesar de toda a valentia.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE ABRIL

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 5,53
S.	6	13	20	27	Desaparece às 19,19
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	8	15	22	29	Q. C. dia 1 às 8,12
Q.	9	16	23	30	Q. C. dia 9 às 3,33
S.	10	17	24	—	Q. M. dia 23 às 25,40

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,48 e às 2,09

Baixamar às 7,18 e às 7,39

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Leriores, 50 dias de vista	67,50	67,50
Londres cheque	65,50	65,50
Paris	62,97	62,97
Siéca	4,90	4,90
Bélgica	1,65	1,65
Italia	1,84	1,84
Holanda	1,21	1,21
Madrid	2,93	2,93
New-York	20,58	20,70
Brasil	2,15	2,17
Noruega	2,27	2,26
Suecia	2,60	2,60
Dinamarca	2,82	2,83
Praga	2,60	2,62
Buenos Aires	7,70	8,00
Viena (shilling)	2,80	3,00
Renmarkos ouro	4,80	4,60
Agio do ouro	2,20	2,35
Liras ouro	10,00	10,00

ESPECTÁCULOS

TEATROS

5º Festos — A's 21,3 — Le Passant. Nacionais — A's 21,15 — O'Abade Constantino. São Luís — A's 21 — Rato de Hotel. Politeama — A's 21,30 — Massaroca. Trindade — A's 21,15 — As Tangerinas Mágicas. Ipolito — A's 21,15 — Tirolios. Eben — A's 20,45 — Sessão permanente. Variedades. Juvenal — A's 21,20 — Irmãos. A Cíclada. Sete Ilhas — A's 20,30 — Variedades. O Vicente (à Graca) — A's 20 — Animatógrafo. Ermida Parque — Todas as noites — Concertos e discursos.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esperança — Chantecier — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de propaganda tem dada a sua fábrica que ainda hoje se consuma em Portugal limas estrangeiras visto que as limas marca "Touro" da Empresa de Limas — L. M. — é a que se encontra à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálica Auer, assim como rodas de casas e molas, tubos, molas, chaminés de ferro, peças, lampas. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosques. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (a casa que fornece em melhores condições).

OURO

muito mais BARATO

Grande sortimento de cordões, correntes e mais objectos de ouro, assim como anéis, alfinetes e mais objectos com brilhantes.

Só vende BARATO

a OURIVESARIA

CORRÉA & MOURA

Rua de São Paulo, 186 — Lisboa
(Próximo à Casa da Moeda)

Grande comício!

Vai realizar-se em prol do grande sortido de chapéus de palha e feltro que a

Chapelaria Ilión

acaba de receber por preços de reclamação

125, RUA DOS ANJOS, 127

O rei julga receber o preço do sangue desta infeliz cidade, mas engana-se; o tesouro do bispo está exausto. Como pôde o rei, esse tráficante tam seguro, sempre de si mesmo, como pôde ele acreditar nas promessas de Gaudry?

O seu poder senhorial restabelecido como no passado, o bispo vexará os habitantes, sujeitos a serem fuzilados, com um imposto a fim de pagar a quantia prometida ao rei, e este prestará auxílio para levantar esse imposto.

Maldição! exclamou Fergan enfurecido; nesse caso pagamos para obter a liberdade! e pagaremos outra vez para cairmos na servidão!

Os projectos do bispo são tam criminosos como insensatos; mas a loucura e o crime fazem derramar sangue! por isso te suplico que te esforces por acalmar a efervescência popular imediatamente, e que seja conhecida a resolução do rei.

Vergonha e cobardia! apasiguar o povo quando lhe atiram insolentemente a lóuva! Ah! eu serei o primeiro a gritar: Comunia! Comunia! marchando armado contra o bispo!

Por mais legítimos que sejam os seus agravos, experimenta ao menos ganhar tempo, não precipites as coisas; eu não perco a ocasião de fazer com que o bispo, por minhas instâncias, se inspire de sentimentos mais equitativos.

Apenas Anselmo acabava de pronunciar estas palavras quando um homem, acompanhado de um oficial, apareceu à entrada da rua do mercado.

Ai está o mensageiro real, disse o cabouqueiro ao arcediago, avançando para os dois cavaleiros; se a resolução de Luis o Gordo e do bispo é a que tu achas de anunciar-me, que sobre elas recaia o sangue que vai correr! — Depois, dirigindo-se ao mensageiro real, disse:

O chefe do corpo municipal e os vereadores es-

peram-te na grande sala do palácio comunal.

— Monsenhor o rei e monsenhor o bispo tinham

ordenado aos habitantes de se reunirem aqui, na praça

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30,00
Sapatos em verniz 38,00
Botas pretas (grande salão) 48,00
Botas brancas (salão) 48,00
Grande sortido das mesmas pretas 48,00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa. Ver bem, pois só lá encontra bom e barato. A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Fínil na mesma rua, n.º 62.

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,48 e às 2,09

Baixamar às 7,18 e às 7,39

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Leriores, 50 dias de vista	67,50	67,50
Londres cheque	65,50	65,50
Paris	62,97	62,97
Siéca	4,90	4,90
Bélgica	1,65	1,65
Italia	1,84	1,84
Holanda	1,21	1,21
Madrid	2,93	2,93
New-York	20,58	20,70
Brasil	2,15	2,17
Noruega	2,27	2,26
Suecia	2,60	2,60
Dinamarca	2,82	2,83
Praga	2,60	2,62
Buenos Aires	7,70	8,00
Viena (shilling)	2,80	3,00
Renmarkos ouro	4,80	4,60
Agio do ouro	2,20	2,35
Liras ouro	10,00	10,00

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

É inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas boas farmácias e drogarias

RÓ Anti-bienorrágico

É o mais poderoso combatente das bienorrágias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. ar. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE

2554

Mensesuado

Aparece rapidamente

tomando o

FERREOL

Caixa 15\$00. Pelo Correio 16\$00

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

OURO MAIS BARATO

Vende a Ourivesaria A. M. NEVES

RUA DOS ANJOS, 26

(em frente à Caixa do Conde Dombelo)

Da sua magnifica exposição que constitui um belo sortido de CADEIAS, CORDOES, BRINCOS e mais objectos próprios para BRINDES.

MATERIAL ELÉCTRICO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

FORÇA MOTRIZ

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L. DA

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16

LISBOA

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

AOS ALFAIAES

VERDADEIRA PECHINCHA

A BATALHA

O sindicalismo tem por objectivo destruir o superfluo e reconstruir o necessário em bases naturais.



NO PORTO

Contra os divisionistas do Minho e Douro

Numa importante reunião da União Ferroviária foi resolvido combater a ação dissidente da associação "amarela"

PORTO, 17.—A convite especial dirigido pela União Ferroviária, efectuou-se uma importante reunião de militantes e amigos da organização ferroviária. As salas daquele a colectividade, que sofreram uma profunda transformação, estando mais amplas e mais banhadas de luz—encheram-se literalmente pelos delegados vindos de todos os pontos da linha, representando estações e diferentes serviços deslocados.

Pelas 21 horas, a mesa é composta da seguinte maneira: presidente, Maximino Monteiro, revisor de bilhetes; secretários, respectivamente 1.º e 2.º, Joaquim dos Santos Matos, maquinista, e Manuel José da Silva, fiel na estação de Braga.

É concedida a palavra a João José dos Santos que faz uma clara e sucinta história de todas as fases que a União Ferroviária tem passado desde que iniciou a primeira greve de 1910. Depois de largamente pôr em relevo o valor e os serviços prestados pela U. F. V. em defesa das regalias da classe que representa e para o seu levantamento profissional, moral e espiritual—refere-se indignadamente a essa campanha odiosa de divisionista que dois inspetores, Raúl Martins e António Ferreira, rancorosamente alimentam no seio dos seus subordinados: dos factores, bilheteiros, chefe, etc. O único fim que os desleais conspiradores contra a U. F. procuram alvejar, e conseguir os seus desígnios particularistas e fazer mediar a sua tórrua capelinha, a traiçoeira "Associação Católica" composta pelos "doutos" gremistas do M. D., e, ondago, os defecistas pontificam como diretores supremos.

Analisos os benefícios que essa associação tem alcançado para o pessoal, que não viu, a não ser a publicação da célebre reorganização que mais tarde o fez desesperar. Traçando biografia desses dois acérrimos defensores da divisionista associação católica dos gremistas classistas os de intelectuais traidores e falhos daquela dignidade e daquele carácter que devem ser próprios dos homens sérios.

Carlos Guimaraes, enaltecedo o importante objectivo da reunião, apresenta uma questão prévia pela qual define a interpretação que se deve dar aos trabalhos e a orientação que eles devem seguir. Afirma que a U. F. V. é, e tem de ser, a força colectiva para a defesa da classe ferroviária do M. D., residindo nela todo o poder moral que deve animar a mesma classe.

Sobre o documento de Carlos Guimaraes, falam Francisco José da Silva, contra-mestre das oficinas; Elio Ferreira de Sousa, chefe da estação de Valongo; e José de Sousa Teixeira, fiel do depósito de pequeno material—todos incitando os delegados a que defendam os princípios expressos na moção prévia de Guimaraes, isto é: a manutenção firme da integridade sindical.

Adriano Augusto Monteiro, chefe da estação de Penafiel, ataca a tarefa divisionista que certos indivíduos se esforçam por manter latente, na classe e reputar de infame a ação de determinados superiores. Asseverando que o principal fio da referida associação "católica", amarela, é guerra, osseivamente, a U. F. V., pelo que expõe os fins inconfessáveis dos inspetores Martins e Ferreira, afirma que a U. F. V. possui os melhores elementos de carácter, honestidade e intelectualidade. Lembra a conveniência de se avisar aqueles cujos nomes, para armaz o efeito, figuram como aderentes no jornal "dèles", A Voz Ferroviária, a fim de não se deixarem cair, pois no meio dum bando de ladrões não se podem embrenhar criaturas honradas.

Quanto aos mal entendidos que esplaçam a sua volta referenteamente a um decreto que favorece com distinções aqueles que fizeram parte das expedições para a guerra, esclarece suficientemente a assembleia, demonstrando-se que se trata dum mal-féndente a criar-lhe um ambiente de descredito. Quem requereu semelhantes benesses foi Manuel Parente Novo da Cruz, um dos fundadores da aludida associação e que agora se arvora em bandalheiras comediantes e exibicionistas, como seja apresentar a sua bandeira em todas as fárgas comemorativas idênticas à que se efectuou em 9 de Abril. Por si, protesta contra tais benesses.

Raúl José da Silva escalpela, desassombradamente, os vis processos dos dissidentes, outro tanto fazendo Martins da Costa, Júlio Fernandes de Carvalho, reportando-se as considerações feitas por Adriano Monteiro, afirma ter sido vigorizado por Mário Januário Berrédo, o qual lhe extorreu 1000\$00 por dizer que se destinavam a custear a despesa com uma comissão a Lisboa de que faria parte Adriano Monteiro, elemento da U. F. V.

Carlos Campos, Américo da Costa e Alberto Guedes Osório confessam que igualmente foram no conto do factor Berrédo, contribuindo por ter dito que a subscrição era em nome da U. F. V.

Ellis Ferreira de Sousa, condena a ação dissidente dos gremistas. Mário Januário Berrédo, factor, e um dos elementos componentes da direcção dessa pseudo-associação escalpelada para se governar.

Adriano Monteiro declara que não faz, nem jamais fará, parte de qualquer comissão que se destine a tal.

É apresentada uma moção assinada por 35 delegados do pessoal de trens, escritórios e estações, que reúne indissociável extremidade os campos. Não deve haver dualidade de critério: ou pela U. F. V. ou contra ela. O que não faz sentido, o que não é de boa moral sindical, é estar-se, a um tempo, na U. F. V. na condeneável associação católica. Os desta a um lado, os daquela a outro.

Também foi aprovada, por aclamação, esta moção.

Considerando que os povos como as sociedades, estas como as classes e os indivíduos como estas, só se impõem pela moralidade dos seus processos de propaganda, é de despedimento imediato para quem não esteja disposto a acatá-la. Em face desta atitude é necessário que os operários respondam desta vez com mais energia que das outras, para que o horário seja mantido.

Porque defendendo as 8 horas dão uma resposta condigna à atitude reaccionária da Companhia, dando esta rigorosa ordem no dia seguinte à derrota das forças conservadoras, que pretendiam a conquista do poder para estabelecerem uma mais feroz exploração.

Considerando que o principal objectivo das multidões produtoras organizadas sin-

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários de Calçado, Couros e Peles do Porto

Em reunião do conselho técnico do Sindicato do Calçado, Couros e Peles do Porto, foi apreciada a situação económica da classe.

A pretexto da crise de trabalho os industriais de sapataria cortaram nos salários o aumento de 25%, nos preços de mão de obra que vigorava desde Setembro do ano passado.

O sindicato decidiu exigir de novo o pagamento desse 25%, para o que já enviaram aos industriais reclamatórias, cujo prazo de resposta terminou ontem, dia em que a classe devia ter reunido para tomar resoluções.

Na preferida quinta-feira realizarão-se sessões em quatro bairros, todas elas muito concorridas, tendo sido distribuído um manifesto justificando a reclamação e condenando o regime de trabalho de empreitada.

Os operários da Construção Naval do Porto e Gaia deliberam dividir o trabalho

VILA NOVA DE GAIA, 18.—Entre os operários da Construção Naval verificaram-se grandes desigualdades nas condições de trabalho.

Dando-se o caso de o trabalho actualmente, nos estaleiros das duas margens do Rio Douro, não ser suficiente para todos os operários da indústria, reconheceu-se necessário ratar entre todos o trabalho existente, para obstar ao facto, pouco humano, de haver operários com trabalho permanente, enquanto a maioria não o conseguia durante semanas e mesmo meses.

Ita levou uma comissão administrativa do sindicato a convocar uma assembleia magna da classe para se ocupar do assunto.

O critério da divisão do trabalho foi aceite com entusiasmo pela classe, exceptuando os que gosavam de situações privilegiadas.

Como os mestres não quizessem permitir essa justa pretensão dos operários da indústria, resolvem os mestres reclamar o cumprimento das suas decisões ou que os trabalhos fôssem entregues ao seu conselho técnico, devendo os mestres reunir em breve para apreciarem estas reclamações.

b) Convidar todos os ferroviários do Minho e Douro sindicatos ou não, cujo carácter se não tenha subvertido à mercê de conveniências ilegítimas de momento, a repudarem, por todos os meios ao seu alcance, os "mentores" e concordantes de essa vil campanha imoral que salpica a classe.

c) Salientar a utilidade e conveniência do pessoal administrativo transformar em factos a ação de carácter moral contra essa campanha divisionista, até se reconhecer o seu completo aniquilamento;

d) A conveniência de se desenvolver e activar a propaganda da U. F. V. a fim de se contribuir, eficazmente, para que o carácter do ferroviário se eleve, cada vez mais, procurando formar elementos conscientes que dignifiquem o meio impondo a classe, sob base de igualdade;

e) Que seja tomada a base fundamental de concepção sindicalista, de que toda a ação contrária à U. F. V. se torna estéril e prejudicial à organização;

Depois de tratados outros assuntos atinentes ao robustecimento das delegações e a um maior desenvolvimento de propaganda à linha, esta importante reunião de militantes e amigos da organização ferroviária terminou, já madrugada alta, com uma saudação aos ferroviários do Sul e Sueste.

—

Sapateiro

Oficiais de obra de criança precisa-se—Rua Pinheiro Chagas, 41 (ao Matadouro).

O movimento grevista na Grécia

Só agora acabou uma grande sucessão de greves que durante uma semana se mantiveram. Mais de 15.000 empregados ferroviários e electricistas (os dois grupos operários mais importantes desse país ainda atrazado na indústria) tinham declarado a greve, porque o Estado por razões de economia despediu 1.500 ferroviários.

A greve terminou sem se obter qualquer sucesso. É fácil de explicar o resultado desfavorável, quando se souber a situação extraordinária em que a Grécia se encontra actualmente, devido ao facto de mais dum milhão de refugiados da Ásia Menor, terem vindo procurar asilo nesse país e em condições mais do que lamentáveis.

Na Grécia sempre se tiveram graves apreensões quanto à influência que estas massas exerceriam nas condições de trabalho; eis, com efeito, o triste caso que se deu desta vez, vendo-se um grande número de refugiados, impelidos pela mais negra miséria, irem oferecer os seus serviços aos capitalistas para que a greve ficasse fracassada.

Está sustentada pela União dos Transportes de Amsterdam e pela Internacional Sindical de Moscovo.

—

Contra o horário de trabalho

Nas Companhias Reunidas de Gás e Eletricidade

Resolvem a U. S. O. de Portimão elaborar, de acordo com os sindicatos aderentes, o programa da comemoração do 1.º de Maio. Para o efeito vai pedir delegados à C. G. T. e Federações Marítima, da Construção Civil e de Conservas.

Por várias vezes tem a Companhia pretendido fazer esse atropelo ao horário normal de oito horas, mas o seu pessoal sempre tem sabido repudiar tal pretensão.

As ordens dada ontem é de despedimento imediato para quem não esteja disposto a acatá-la. Em face desta atitude é necessário que os operários respondam desta vez com mais energia que das outras, para que o horário seja mantido.

Porque defendendo as 8 horas dão uma resposta condigna à atitude reaccionária da Companhia, dando esta rigorosa ordem no dia seguinte à derrota das forças conservadoras, que pretendiam a conquista do poder para estabelecerem uma mais feroz exploração.

Considerando que o principal objectivo das multidões produtoras organizadas sin-

Conferência Inter-Sindical do Porto

Explicação prévia

A Comissão Administrativa cessante da U. S. O., durante a sua administração, verificou o estado caótico e raquítico dos organismos da localidade, com tendências a piorar cada vez mais e, por esse facto, acordou em realizar uma conferência inter-sindical na cidade, como factor de reacção e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Para tal fim convidou os secretários gerais dos sindicatos aderentes e os deputados da comissão federal. Desta reunião saiu uma grande comissão, de dez membros que se desdobrou em comissão e sub-comissão.

A primeira encarregou-se da elaboração dos trabalhos, e a outra da propaganda a sua ação, reforçando a reacção e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Para a realização da conferência convocaram-se os sindicatos aderentes e os deputados da comissão federal. A reunião teve lugar no dia 17 de Abril, pelas 20 horas, na sede da U. S. O., e contou com a participação de 150 delegados.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabalhos, a sua ação e impulsão, refinando nessa magna assembleia todos os elementos dispersos ou despeitados, que se encontram afastados da organização sindical.

Na reunião, os delegados aderentes e os deputados da comissão federal, juntamente com os delegados da U. S. O., discutiram a elaboração dos trabal